

Telejornalismo e História: a trajetória do Bom Dia Tocantins¹

Adriano Nogueira da FONSECA²

Mestrando

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O artigo pretende contribuir com os estudos sobre a História das Mídias Audiovisuais, com ênfase no Telejornalismo. Ao abordar a influência política, as dificuldades tecnológicas, a escassez de profissionais e o impacto social o estudo usa como recorte o Bom Dia Tocantins – telejornal que faz parte da grade fixa da programação da TV Anhanguera, afiliada à TV Globo, desde 4 de maio de 1992. A partir de levantamentos bibliográfico, documental, periódicos e de depoimentos de profissionais que participaram da construção do telejornal, a pesquisa se propõe a traçar uma trajetória do percurso histórico do telejornalismo regional tocantinense, começando pela chegada da televisão no Brasil e sua expansão para o interior do país, com a exigência dos telespectadores por uma cobertura jornalística de proximidade.

Palavras-chave: Mídias Audiovisuais; Televisão; Telejornalismo Regional; Cobertura Jornalística; Proximidade.

Texto do Trabalho

O Bom dia Tocantins foi inspirado a partir do Bom Dia São Paulo, criado em 1977. Segundo Paternostro (1999), era um jornal matutino que chegou com a proposta de oferecer prestação de serviço, com notícias sobre previsão do tempo, trânsito e movimentação da cidade. “Em pouco tempo, as praças e emissoras afiliadas da Rede Globo implantaram o Bom Dia Praça, no mesmo horário matutino e regionalizado” (PATERNOSTRO, 1999).

Ao todo são 36 telejornais, espalhados pelo país, ancorados pelo nome “Bom Dia”, dentro do que estudiosos apontam como o processo de regionalização do telejornalismo. “As notícias locais têm singular importância no cotidiano de um indivíduo. Na cidade contemporânea a sobrevivência diária envolve saber o que acontece à sua volta e quais as consequências de atos, fatos e decisões” (COELHO, 2020 p: 20).

No Tocantins, o Bom Dia local estreou com 30 minutos de duração, começando às 07h30. Assim como em outros Estados, trocou de horário em abril de 1996, passando a ser exibido às 07h e em março de 1998, às 06h45. Quase quatro anos depois passou a ter 45 minutos, a partir das 06h30. Em 2011 passou a ter 60 minutos. Em dezembro de 2014 o Bom Dia Tocantins aumentou para uma hora e meia de duração, começando às 6h. Já em janeiro

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT, Campus Palmas. email: adriano.tv@gmail.com

de 2019 o telejornal ganhou mais 30 minutos e, em 2020, mais 30 minutos, se tornando o noticioso com maior tempo no ar de notícias locais: duas horas e meia.

O telejornal é exibido pelas três emissoras da TV Anhanguera³ sediadas em Palmas, Araguaína e Gurupi para 87 de 138 municípios, o que corresponde a 63,04% das cidades tocantinenses. A programação local é transmitida a 82,62% dos 1.578.141 habitantes. Outros 52 municípios, que correspondem a 36,96% da população, totalizando 274,296 pessoas, recebem o sinal da TV Globo, via Satélite, com programação exclusivamente nacional. É importante destacar que o único município que não entra nessa estatística é Araguaçu, no Sul do Tocantins. Devido à localização geográfica, os 8.401 moradores recebem o sinal da TV Anhanguera de Porangatu, que faz parte do mesmo grupo, com notícias locais de Goiás.

Para traçar a trajetória do noticioso foi necessário levantamento de documentos, bibliografia, reportagens, periódicos e análises de entrevistas de profissionais que atuaram no telejornal, desde o processo de implantação até os dias atuais. Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e os depoimentos foram arquivados na plataforma do YouTube⁴ para finalidade de pesquisa pública.

Para este trabalho vamos usar a pesquisa qualitativa, explicado o porquê de determinadas ações, sem se preocupar em submeter a algum tipo de prova. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Dentre os métodos que compõem o campo da pesquisa qualitativa, será utilizada a história oral que, para Silva e Barros (2010), constitui-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas. A história oral caracteriza-se em ouvir e registrar as vozes dos sujeitos que não tiveram voz dentro da história oficial e colocá-los dentro dela (ANDRADE, 2001).

Pereira de Queiroz (1988) destaca a importância que os relatos orais desempenham, seja na transmissão ou na conservação do conhecimento como fonte de dados. "A palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam" (PEREIRA DE QUEIROZ, 1988).

³ A COBERTURA e as oportunidades da Globo em todo Brasil. <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Estados.aspx?uf=TO>, acesso em jun de 2021.

⁴ BOM DIA Tocantins: a história contata por quem fez – <https://www.youtube.com/channel/UCRZdWerbOPwbYkcJJtKClg/videos>, acesso em jun 2021.

Mas antes de discorrer sobre a trajetória do Bom dia Tocantins se faz necessário um resgate histórico de como se deu a chegada da televisão no Brasil e produção telejornalística.

Percurso histórico do Telejornalismo no Brasil

O primeiro telejornal surgiu junto com a chegada da TV ao Brasil em 1950. Mello (2014) descreve que as notícias, em formato de grandes textos e poucas imagens, eram lidas por locutores – já que não existia a figura do jornalista apresentador – e as imagens exibidas nas reportagens eram extraídas de sobras do cinema, de documentários e, na maioria das vezes, essas imagens serviam para ilustrar situações, notícias que realmente estariam acontecendo, como enchentes, incêndios, por exemplo.

O “Imagens do Dia”, primeiro telejornal do país, não possuía tempo específico de produção. A transmissão ocorreu no dia 19 de setembro de 1950 – um dia depois da inauguração da TV. As imagens eram produzidas em filme 16mm, preto e branco e o telejornal reproduzia o modelo de noticiar herdado do rádio. (MELLO, 2014, p. 315). Quanto à linguagem audiovisual o telejornal sofria uma marcante influência do cinejornal – na maneira de apresentar os acontecimentos aos telespectadores.

O avanço da tecnologia, como aponta Mello (2014), ajudou nas primeiras transformações do telejornalismo – ainda na década de 1950. A chegada do videoteipe, um gravador de imagens com fitas magnéticas, possibilitou que as reportagens fossem gravadas, editadas, assistidas e, se necessário, reeditadas antes de ir ao ar, fazendo com que os erros e falhas fossem evitados nos improvisos. Kneipp (2008) ressalta que os primeiros equipamentos eram pesados, dificultando a locomoção nas gravações externas.

O processo de ampliação do telejornalismo sofreu profundo impacto a partir de 1964, com a implantação do governo militar no país. Muitas emissoras de televisão fecharam as portas e as que se mantiveram sofreram com a censura. As empresas que não se opunham ao militarismo tinham seus negócios expandidos, já os profissionais que questionavam as imposições acabavam tendo dificuldade de exercer suas atividades (SILVA, 2018). Os telejornais evitavam veicular conteúdos polêmicos para fugir da censura.

Com o passar dos anos Mello (2014) lembra que novas emissoras foram surgindo como a TV Continental, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi criada a TV Excelsior. No Estado de Pernambuco duas emissoras foram abertas na capital, Recife: A TV Jornal do Commercio e a TV Rádio Clube de Pernambuco. A TV Globo, no Rio de Janeiro foi inaugurada em abril de 1965. Dois anos mais tarde surgiu a TV Bandeirantes. Em 1968, a TV

Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco – a primeira emissora educativa do país. Paralela a chegada de novas empresas televisivas de comunicação, são instaladas também torres usadas para localizar satélites via Embratel. Isso possibilitou ligar o Brasil com outros países. (MELLO, 2014)

A transmissão de um mesmo telejornal para atuar em rede, ao vivo, aconteceu no dia primeiro de setembro de 1969 para seis cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília – segundo Maia (2011) através do sistema de satélite construído com recursos do Fundo Nacional de Telecomunicações. A estreia do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, conforme a página ‘Memória Globo⁵’, ocorreu às 19h45 com os seguintes dizeres lidos pelos apresentadores do Hilton Gomes e Cid Moreira: “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil”. E eles continuaram: “Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias”.

Novas mudanças começaram a ocorrer no telejornalismo brasileiro a partir da década de 1970. Com a inovação tecnológica as emissoras passaram a investir em câmeras portáteis. Isso deixou as gravações de externa mais dinâmicas e facilitou a mobilidade das equipes deixando mais ágeis o registro dos acontecimentos dos fatos em diversas partes do mundo (SILVA, 2018).

A chegada da TV no cerrado

Não demorou muito para que as emissoras de TV buscassem retransmitir o sinal para o maior número de cidades possível. E apesar de controlar o que seria veiculado ou publicado na imprensa, o regime militar, que vigorou entre os anos de 1964 e 1985, ajudou nesse processo. Para Leal (2009), ao adotar a postura de integração nacional, com um governo focado para defender a segurança nacional e o desenvolvimento nacional baseados na industrialização e no crescimento econômico, os veículos de comunicação eram usados como porta-vozes oficiais do governo. Mais um motivo para facilitar a expansão desses meios.

O Regime Militar oferecia incentivos fiscais para os empresários que investissem na Região Amazônica. E, segundo Santos (2015), foi assim que o Grupo Jaime Câmara decidiu levar a TV Anhanguera ao antigo Norte goiano, hoje Tocantins. A TV Anhanguera foi

⁵ Memória Globo. <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/vera-iris-paternostro-2/>> Acesso em: 20 Jan 2020.

fundada em Goiânia, em 1963, e se tornou uma das primeiras emissoras afiliadas da Rede Globo de Televisão.

A expansão começou por Araguaína, a maior cidade da região norte, distante cerca de 1.200 quilômetros da capital goiana. Mas a implantação da TV foi cercada de desafios, já que, na maioria dos municípios, não havia uma rede de energia permanente e a ligação de uma ponta a outra do Estado de Goiás, era literalmente na terra, já que a Belém-Brasília, BR-153, não era asfaltada (SANTOS, 2015).

Mesmo com as condições adversas, Santos (2015) constatou que o jornalista e empresário Jaime Câmara deu início às tratativas de instalação da antena para passar a transmitir o sinal da TV Anhanguera em Araguaína. A iniciativa, contou com o apoio de políticos, que não economizavam nas homenagens públicas e discursos empolgados. Segundo reportagem publicada em 14 de dezembro de 1976 do ‘O Popular’, a solenidade contou com a participação do Secretário Geral de Radiodifusão do Ministério das Comunicações – Lourenço Scherad e da Diretora Substituta Regional do Dentel, Messias Joselina Curado que fez um pronunciamento de exaltação ao empresário Jaime Câmara.

A nova emissora entrou oficialmente no ar no dia 10 de dezembro de 1976 levando o sinal para sete cidades do extremo norte goiano, além de duas no Maranhão, com uma programação gravada na capital, Goiânia, e com imagens coloridas para cerca de três mil receptores (O Popular, 1976⁶).

A então mais recente retransmissora do Canal 2, em Araguaína, foi equipada com o que havia de mais moderno na época, em prédio próprio, com torre e antenas de alto ganho. A tecnologia era capaz de levar som e imagens para as cidades de Colinas de Goiás (hoje, Colinas do Tocantins), Axixá (do Tocantins), Tocantinópolis, Araguaianã, Guaraí, Wanderlândia, Filadélfia e ainda Carolina e Porto Franco, ambos municípios do Estado vizinho, Maranhão. Ainda na fase de testes da TV Anhanguera em Araguaína houve uma grande vendagem de aparelhos a cores e preto e branco na cidade.

A expansão do Canal 2 chegou a Gurupi, até então cidade localizada na região Centro Norte de Goiás e com projetos de expansão do sinal. Em 1977, a partir da formação do Consórcio de Televisão Médio Norte Goiano, uma iniciativa das prefeituras de Paraíso do Norte (atual Paraíso do Tocantins), Cristalândia, Pium e Porto Nacional foram anunciadas medidas para que o som e a imagem da TV Anhanguera Canal 2 chegassem até a essas cidades. O investimento foi orçado em Cr\$ 2.601.788,00 (dois milhões, seiscentos e um mil

⁶ Canal 2 de Araguaína já chega a 9 cidades, publicada em O Popular, Goiânia, 14 de dez 1976, p. 6

e setecentos e oitenta e oito cruzeiros), desse total, Cr\$ 910.968,00 (novecentos e dez mil e novecentos e sessenta e oito cruzeiros) seriam destinados para a compra de equipamentos. O restante seria aplicado nas obras de infraestrutura de acessórios de transmissão de TV, e de energia e custos de instalação. (SANTOS, 2015)

Apesar de representar um marco histórico e de grande importância para uma população que vivia no isolamento, o progresso e crescimento da chegada da TV Anhanguera, também atendia interesses políticos e trocas vantajosas. Santos (2015) afirma que para o então prefeito de Araguaína, João Ribeiro, “a televisão proporcionaria oportunidades de veiculação de propaganda política, divulgação de projetos da prefeitura” (SANTOS, 2015), permutando dividendos do Paço Municipal em troca de ações publicitárias televisivas das ações do poder público municipal.

No início da década de 1980 o Grupo Jaime Câmara manteve os investimentos na ampliação e melhoramento do sinal transmitido pelo Canal 2 em Araguaína e em Gurupi com a assinatura dos contratos de concessão para as duas emissoras: TV Anhanguera de Araguaína e TV Rio Formoso de Gurupi, que deixaram de ser repetidoras e passaram a ser geradoras. As duas concessões foram outorgadas pelos decretos presidenciais 87.534 e 87.535, assinados dia 30 de agosto de 1982. (SANTOS, 2015)

A influência da mídia audiovisual no novo Estado

A criação do Estado do Tocantins, em 5 de outubro de 1988, foi o resultado de um movimento político, ancorado por uma força popular. A chegada da 26ª unidade da Federação provocou o surgimento de um novo traçado no mapa do Brasil, confirmando a separação de Goiás. Ao pesquisar sobre essa parte da história nacional, Santos (2015) descreve que a televisão acompanhou todo processo. “Eram repórteres, cinegrafistas e editores que registravam as primeiras imagens, as informações e as repercussões da construção da capital no país” (SANTOS, 2015 p: 130).

Muitas emissoras de televisão tiveram que enfrentar o ineditismo para estruturar as empresas e passar a transmitir o conteúdo produzido. O ex-diretor geral do Grupo Jaime Câmara Luiz Fernando Rocha Lima foi enviado ao Tocantins para dar início a um novo processo de expansão. “As TV’s Anhanguera de Gurupi e Araguaína, naquela época, eram quase umas retransmissoras do sinal de Goiânia. Araguaína contava com um recurso técnico limitado e Gurupi um pouco melhor, porque em Gurupi tinha uma base da Embratel lá”,

lembra. Como não havia produção local, “eventualmente Goiânia enviava equipes para fazer uma cobertura jornalística”, complementa. (ROCHA LIMA, 2021⁷)

Esse movimento de idas e vindas de profissionais de Goiás incomodava os moradores do novo Estado que passaram a cobrar uma cobertura mais focada na região desmembrada.

Eu percebi logo diante do comportamento das pessoas nativas e das que estavam ali morando, que as pessoas exigiam um tratamento que fosse identificado com as necessidades e o perfil e a história daquela, daquele povo que estava extremamente motivado pela emancipação conseguida. Então, o alinhamento com as questões de Goiás não cabia mais naquilo. Então nós, no meu esforço, junto com todas as pessoas que estavam lá, pioneiros, era de criar condições para começar a ter um noticiário e só estou falando antes da implantação do estado real que foi dia primeiro janeiro de 89, começa a criar condições para que o Estado tivesse a sua própria personalidade jornalística. (ROCHA LIMA, 2021)

A cobrança da comunidade reflexe o pensando de Coelho (2020), ao afirmar que a chegada do telejornalismo “reforça a ideia de tempo acelerado e a necessidade de produzir conhecimento (conteúdo jornalístico) imediato (ou pelo menos com aparência de imediato)” (COELHO, 2020 p: 21). Para Bazi (2001), a produção local busca mostrar as características próprias da região, como suas culturas específicas na valorização de identidades.

Sem estrutura para a realização de produção jornalística a alternativa foi passar a transmitir dos estúdios de Goiânia, via Embratel, um jornal exclusivamente com notícias que interessavam ao Tocantins, ainda no primeiro semestre de 1989 (ROCHA LIMA, 2021). Como não havia tecnologia disponível para o envio das imagens gravadas em videotape, era necessário encaminhar as fitas por um meio de transporte. “Nós mandávamos as fitas de VT de ônibus, de avião, de carona. Era o transporte da fita física, não era do material via eletrônico e se ela não chegasse o jornal tinha que ir pro ar”, enfatiza Rocha Lima (2021). Já os textos eram enviados por fax ou telex, um tipo de equipamento, ligado a uma rede similar à telefonia fixa, que retransmitia o que era datilografado para outro terminal. “Você digitava e em Goiânia, por exemplo, um texto já era imediatamente transmitido e imprimia em um papel no destino que você escolhesse”, toda essa logística era “para que Goiânia editasse e apresentasse o telejornal, uma coisa de maluco, né?” recorda Rocha Lima (2021).

Alguns profissionais, que participaram do processo de implantação e ainda são funcionários da emissora, lembram das dificuldades que eram fazer as fitas gravadas chegarem a sede da emissora em Goiás.

⁷ ROCHA LIMA, L. F. entrevista concedida ao canal Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=NK250FRGhTc&t=555s>, acesso em jun 2021.

Quando eu comecei na TV Anhanguera não existia jornalismo feito no Tocantins. Produzido no Tocantins. Então, o que era feito aqui era gravado aqui, a gente encaminhava via ônibus pra Goiânia e lá era feita a edição e esse material vinha pra ser exibido no Tocantins. Lógico que tinha aí um atraso de até de duas semanas, uma defasagem, né? Então você não conseguia trabalhar com factual, por exemplo. (DE PAULA, 2021⁸)

Mas antes de se pensar em produzir conteúdo jornalístico para a televisão, foi preciso montar a estrutura física, como erguer paredes de concreto e torres feitas por dezenas barras de ferro, para então implantar o parque tecnológico com os recursos disponíveis na época. O trabalho foi chefiado pelo jornalista David Gouveia⁹, que montou uma força-tarefa. O esforço era para passar a retransmitir um conteúdo defasado em duas semanas. “Eram 15 dias em relação à Goiânia. Ela (fita com a programação) vinha de ônibus, né, nos caixotes que a gente colocava as fitas dentro, (...) depois passava em Araguaína”, lembra. Isso continuou por um período de 180 dias “quando colocamos a parte de satélite e repetidores de satélite, aí nós começamos a encurtar esse prazo”, diminuindo o atraso para dois dias, e meses depois, a programação passou a ser em tempo real. “A primeira transmissão que nós fizemos ao vivo mesmo foi a Copa do Mundo de 78”, recorda. (GOUVEIA, 2021)

Em 1991, após a construção da torre da TV Anhanguera em Palmas, a capital passou a retransmitir o sinal da emissora de Gurupi. A produção de conteúdo jornalístico, com a exibição de um telejornal local, ocorreu antes mesmo da inauguração da torre da capital. A jornalista Maria Eloisa de Oliveira Almeida¹⁰ e o marido, o também jornalista José Lindomar de Almeida, lideraram o processo de implantação.

A Jaime Câmara achou por bem mandar a gente pra lá pra montar todos esses telejornais. Porque na verdade não tinha nenhum. Todos eram transmitidos aqui (Goiânia). Tinha um programa: Jornal Anhanguera Segunda Edição, mas totalmente editado aqui (Goiânia). Por editores que nunca nem ‘conheciam’ o Tocantins. Editava aqui (Goiânia) e mandava a fita e aí a gente colocava pra rodar lá. Então quando eu cheguei aí (Gurupi/TO) era eu jornalista, né? O meu marido que era o Chefe de Redação. O Chefe de Jornalismo aí. E aí, a gente começou a criar os telejornais. Na verdade, eu participei de criação de vários deles, né? (ALMEIDA, 2021)

Entre os principais desafios estava a contratação de mão de obra. Segundo Santos (2015), ao descrever esse momento, o então responsável pelo telejornalismo, José Lindomar

⁸ DE PAULA, M. J. entrevista concedida ao canal – Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=WeTw0z0NIRU&t=1744s>, acesso em jun 2021.

⁹ GOUVEIA, A. D. entrevista concedida ao canal – Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=VH8qmR7U61Q&t=2s>, acesso em jun 2021.

¹⁰ ALMEIDA, M. E. de O. entrevista concedida ao canal – Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=gFPaiY5YYyM&t=44s>, acesso em jun 2021.

de Almeida, falecido em 2012¹¹, declarou que “não havia jornalistas graduados com pretensões de mudanças para cidade”. E que os profissionais formados em grandes centros “não iam sair da mordomia para comer poeira, ainda mais ganhando um salário baixo em Palmas” (SANTOS, 2015 p: 135).

A alternativa, como recorda Rocha Lima (2021), era buscar jornalistas que tinham algum laço com a região, mesmo sem experiência em TV, antecipando um conceito de profissional que só passaria a ser reconhecido décadas à frente. “O mais interessante disso é que, não por opção, mas por necessidade, nós criamos talvez o que depois veio a ser denominado como o repórter multimídia”. O ex-diretor explica: “nós tínhamos jornalistas de televisão, que eventualmente tinha o seu texto aproveitado para o jornal, e tínhamos jornalistas de jornal, que eventualmente faziam matérias de televisão, pro rádio, pra tudo!” (ROCHA LIMA, 2021).

O repórter Carlos Gomes (2021)¹², popularmente conhecido por Carlão, portuense de nascimento, saiu de Goiânia para ser correspondente do Jornal do Tocantins em Miracema do Norte. Como já tinha experiência em televisão, foi convidado para ganhar um complemento salarial e trabalhar nos dois veículos. “Um dia o saudoso José Lindomar de Almeida chegou para mim: - Carlão, você não quer ser repórter da TV? Você vai ganhar uma gratificação para ser repórter da TV e continuar no Jornal Tocantins”. A resposta foi rápida “- eu quero! Aí foi onde começou a minha história na TV Anhanguera, sabe?” (GOMES, 2021).

Um início, como lembra Gomes (2021), marcado por desafios devida a falta de estrutura e de recursos humanos. “Era eu, o cinegrafista, o motorista e o auxiliar e mais ninguém. A gente passava o dia em Palmas e dormia em Porto Nacional. A gente não tinha pauta, aliás, não tinha produtor, não tinha nada”. Na época as fitas ainda seguiam de ônibus, mas dessa vez para a emissora em Gurupi, ainda assim “de vez em quando essas fitas passavam direto e iam bater em Goiânia. Teve uma vez que bateu em São Paulo”, e quando algum assunto que merecia destaque imediato, “urgente, muito urgente mesmo, o motorista ia lá (Gurupi) às pressas, deixava e a gente ficava esperando sem carro, sem nada, trabalhando às vezes de táxi, entendeu? Com o único táxi que tinha em Palmas”. (GOMES, 2021)

Os telejornais eram feitos em um estúdio que fora construído inicialmente para atender a campanha política de um candidato, além de trabalhos comerciais desenvolvidos

¹¹ Morre jornalista pinheiro da TV Anhanguera no TO – Jornal do Tocantins, 04 jan de 2012

¹² GOMES, C. entrevista concedida ao canal – Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=SCj6SXYCW24&t=35s>, acesso em jun 2021.

pela emissora. Feitosa¹³ (2021) participou da readequação da estrutura que passou a ser utilizada pelo jornalismo. “Tão logo concluiu-se as eleições, esse equipamento foi aproveitado pra montar o nosso estúdio”. Ele disse que houve pouco tempo para fazer esses ajustes. “Então, nós montamos meio que às pressas porque a população cobrava muito, né? E aí nós começamos a produzir nossos telejornais lá em Gurupi”. Mas o técnico não soube precisar quando exatamente isso ocorreu. “Salvo engano, foi a partir de (19)91”. (FEITOSA, 2021)

Ao discorrer a importância da memória para as entrevistas, Mariano (2020) apresenta a visão de José Carlos Sebe Bom Meihy, um defensor da estreita ligação entre a memória e oralidade, que inclui também o esquecimento. Esquecer, para o historiador, é o “ponto central da memória”. Na entrevista publicada no artigo ‘A memória é a matéria essencial das entrevistas’, Meihy explica porque acredita nisso:

É exatamente pela combinação das escolhas narrativas em contraste com o esquecimento (e do apagamento, distorção, deformações) que se justifica a subjetividade buscada pela história oral. Não é o fato histórico, ou a chamada verdade histórica que interessa, mas a versão das situações, as impressões, as imprecisões. (apud MARIANO, 2020, p: 221)

Já Rocha Lima (2021) não tem dúvidas ao lembrar que a adequação da estrutura, antes usada pela publicidade, possibilitou a realização de telejornais ao vivo, apesar das limitações. “Era um estúdio só. Nós fazíamos as variações do cenário tanto quanto possíveis. Mas essa era a menor preocupação que a gente tinha”. A transmissão do primeiro telejornal ao vivo, produzido no Tocantins, ocorreu no dia 4 de fevereiro de 1991 a partir da TV Anhanguera de Gurupi. A estreia foi acompanhada pelo cinegrafista e editor de imagens Sidinei Madalena¹⁴ (2021) que descreve momentos de emoção e frustração porque “no primeiro jornal faltou energia”. O imprevisto causou alterações de roteiro e algumas reportagens previstas não puderam ser exibidas. “Nós ficamos no escuro, aí vamos tirar essa matéria, vamos tirar essa, três minutos, vamos ver quanto tempo vai voltar a energia. Quando voltou a energia, nós já tínhamos cortado uns cinco minutos de matéria”. Apesar dos transtornos e sem apresentar dados que comprovassem a hipótese, Madalena afirma que o lançamento do telejornal foi “audiência total” nas cidades que acompanharam a transmissão pelas emissoras de Gurupi e Araguaína. “Aquilo foi uma emoção muito grande”. (MADALENA, 2021)

¹³ FEITOSA, W. entrevista concedida ao canal – Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=fL6Ki8NrTLU&t=17s>, acesso em jun 2021.

¹⁴ MADALENA, SIDINEI. entrevista concedida ao canal – Bom Dia Tocantins: A história contada por quem fez – <https://www.youtube.com/watch?v=5g6EPqrQtxc>, acesso em jun 2021.

BDT no ar

A estreia do Bom Dia Tocantins ocorreu no dia 4 de maio de 1992, às 7h30, no estúdio da TV Anhanguera em Gurupi, com a apresentação da jornalista Maria Eloisa Almeida. “Nós planejamos todo o jornal e tivemos a ajuda de Goiás também, claro. Reorganizamos tudo. Aí a Embratel já estava forte”. Almeida (2021) lembra que foi um dia de muita tensão. Diretores e coordenadores da cabeça de rede se deslocaram de Goiânia para acompanhar a primeira edição do BDT. “A expectativa de que tudo dê (desse) certo. Então eu acho que aquela noite (anterior) ninguém teve muito o que dormir, não. Era pensar e produzir, né?” (ALMEIDA, 2021).

O lançamento do novo produto, em substituição ao era exibido a partir Goiás na mesma faixa de horário, contou com uma ampla divulgação. “Fizemos as chamadas. Devidamente anunciados, sim, à toda a população. E eles gostavam demais porque eles ficavam orgulhosos. O Tocantins agora tem um rosto, uma cara e eles gostavam muito disso” (ALMEIDA, 2021).

Ora, desde os anos de 1980 o processo de regionalização foi percebido no país conforme estabelecido na fundamentação teórica de diversos autores, como Bazi, 2001 e Lima, 2010. Assim como outros pesquisadores, Slaviero (2009) defende que nenhuma informação interessa mais uma pessoa do que aquela que fala diretamente de sua rotina. (SLAVIERO, 2009)

A edição histórica foi marcada pela entrevista com então governador do Estado, Moisés Avelino. “Muita expectativa. O governador chegou de avião no dia. Acho que foi no dia ou na véspera, não sei” (ALMEIDA, 2021). A entrevista consumiu praticamente o tempo do telejornal, que na época tinha meia hora de duração e repercutiu em periódicos e jornais impressos da época que acompanharam a chegada do novo telejornal. A edição publicada do dia 5 de maio de 1992, do Jornal do Tocantins, traz a reportagem intitulada “Governador estreia ‘Bom Dia’, com alguns dos pontos abordados na entrevista ao vivo:

O Governador falou, entre outros assuntos, sobre a ferrovia Norte-Sul, reiterando sua postura contrária ao posicionamento do atual ministro dos Transportes, Afonso Camargo, que se diz opositor ao empreendedorismo. Falou ainda sobre o programa de industrialização do Estado, ZPE, e comentou o processo sucessório na Capital, acreditando ainda na força da coligação que o elegeu governador em 1989, o MST. (JORNAL DO TOCANTINS, 1992)¹⁵

¹⁵ GOVERNADOR estreia “Bom Dia”. Jornal do Tocantins, 5 de mai de 1992.

Sobre a estreia do programa jornalístico, ainda de acordo com a reportagem do Jornal do Tocantins, o governador declarou que existia há muito tempo uma grande expectativa para a chegada do noticioso. “As pessoas que se destacam no Estado, na área empresarial ou na área política vão ter oportunidade de mandar o seu recado e prestar esclarecimento à comunidade”. Avelino finalizou a entrevista, segundo descreve a reportagem, dizendo que o “Bom Dia Tocantins está chegando na hora certa e é um grande trabalho na área de comunicação”, completou. (JORNAL DO TOCANTINS, 1992)

Para ganhar mais visibilidade o Bom Dia Tocantins passou a ser transmitido também pelas emissoras de rádio do grupo. Gomes (2021) conta que não houve investimento algum. A decisão foi da chefia de Jornalismo que explicou ao repórter como isso seria feito. “Aí ele falou assim: - o locutor da Rádio Araguaia já está orientado, vai pegar televisão e botar perto do microfone. Então, o Bom dia Tocantins foi transmitido assim pela rádio”. Gomes (2021) lembra que quando não estava escalado para fazer as entradas ao vivo no telejornal acompanhava as notícias pelo carro na ida para o trabalho. “Eu morava em Porto, aí eu vinha ouvindo. Achei muito interessante esse negócio. (O locutor) botava a televisão bem no pertinho do microfone e deixava o pau cantar e até na hora que terminava e depois entrava na programação normal da rádio”. (GOMES, 2021)

Ao falar da estrutura Almeida (2021) recorda que a redação ocupava uma sala no escritório da emissora localizado no centro de Gurupi. Havia duas linhas de telefone e três máquinas de datilografar. Já o estúdio ficava distante cerca de dez quilômetros, onde estavam instaladas as torres de transmissão, às margens da BR-153. A equipe era enxuta, formada por um produtor, um redator e um repórter por período, mas muitos colegas desempenhavam diversas funções ao mesmo tempo.

Foi uma escola que valeu a pena, porque geralmente na nossa profissão a gente tem uma função específica e se dedica àquela. Quem é produtor, quem é editor, quem é o repórter, né. Ali nós tivemos que fazer tudo. Ao mesmo tempo que você era produtor, você era repórter, você era redator. Você era tudo. (ALMEIDA, 2021)

A rotina de trabalho era puxada. A apresentadora chegava à emissora às cinco da manhã para finalizar o roteiro do BDT. “Ficava pré-produzido anteriormente mas acabava de produzir e a gente entrava ao vivo com os entrevistados”. No início a proposta do telejornal era abordar assuntos de relevância por meio de entrevistas ao vivo, e usando poucas reportagens gravadas. “O Bom Dia ele inaugurou o jornal ao vivo. Pode-se dizer assim, com todas as técnicas possíveis da época, claro”. Se esperava com isso “mais autenticidade na matéria e dá também mais responsabilidade para o repórter. Naquela época as perguntas

tinham que ser rápidas e curtas e deixar o entrevistado arrematar, né?” (ALMEIDA, 2021). Eram em média três entrevistados por edição e cada emissora da rede no Estado era responsável por agendar e fazer uma entrevista. Sobre isso Gomes (2021), que trabalhava em Palmas, destaca que “era aquela ‘*entrevistazona*’ (entrevista longa)”. Como não havia estúdio nas outras praças a entrada ao vivo era feita no pátio das emissoras, próximo das antenas.

A partir de um novo investimento em tecnologia a emissora inaugurou, em virtude dos 15 anos de implantação da TV Anhanguera de Gurupi, um novo sistema que passou a possibilitar a realização de transmissões ao vivo de alguns pontos da cidade. A edição do dia 18 de dezembro de 1992 do Jornal do Tocantins, traz a notícia da primeira transmissão externa ao vivo para todo o Tocantins. “A primeira transmissão ao vivo para o Estado gerada no Bom Dia Tocantins, na manhã do dia 15, do ginásio de esportes de Gurupi”. A reportagem ao vivo informou aos telespectadores detalhes de um show dentro da programação de aniversário da emissora. “A transmissão externa ao vivo é o que existe de mais moderno atualmente”. (JORNAL DO TOCANTINS, 1992)¹⁶

A montagem do equipamento no ginásio, que incluía uma parabólica, contou com o trabalho técnico de Feitosa (2021). “*Linkamos* de lá (ginásio) pra emissora. Da emissora jogamos pra Embratel e foi pro ar pra todo o Tocantins. Isso aí foi muito extraordinário”. (FEITOSA, 2021)

Sobre os assuntos que pautavam o primeiro ano do telejornal Almeida (2021) garante que os temas, obrigatoriamente, deveriam estar ligados ao desenvolvimento do Estado como “por exemplo, o projeto Rio Formoso era uma novidade naquela época”. Destaque também para assuntos relacionados à política. “Nós estávamos muito ligados também ao poder público porque pelo fato do Tocantins estar nascendo, ele não tinha muito uma economia consistente. Então, a gente dependia muito do poder público”. (ALMEIDA, 2021).

Gomes (2021) confirma isso ao dizer que foi escalado a fazer entradas ao vivo diárias sobre notícias políticas de Palmas e do Estado. Para conseguir informações, o repórter visitava todos os dias as sedes dos poderes. “Depois do almoço eu ia lá para o Palácio, ficava lá fuçando, quem entrou, quem saiu”, para ter assunto para o dia seguinte, mas Gomes (2021) reconhece que às vezes faltava precisão na notícia. “Um dia um determinado secretário foi demitido e eu falei que a principal notícia hoje política aqui é que o secretário tal, ele foi exonerado pelo Governador Siqueira Campos”. A notícia foi questionada. “Ele zangou comigo sabe, ‘eu não fui exonerado não, eu pedi para sair’. Eu falei, - mas lá no Diário Oficial

¹⁶ 15 ANOS da Televisão Anhanguera de Gurupi, Jornal do Tocantins, 18 de dez de 1992.

tá que você foi exonerado”, lembra sorrindo. Gomes (2021) conta que nem sempre conseguia preencher o tempo com as informações oficiais e que algumas vezes tinha que “encher linguiça, encher linguiça, você entendeu?” (GOMES, 2021).

Para Almeida (2021) falar da implantação do BDT é rememorar um momento marcante da sua carreira. “Contar história dessa época é muito bom pra nós, pioneiros. Foi uma coisa assim, inédita, né? E pra bagagem nossa profissional. E eu penso nisso até hoje. Eu não esperava ter uma experiência dessa. Graças a Deus eu tive e valeu a pena”. (ALMEIDA, 2021)

Rocha Lima (2021) compartilha do mesmo sentimento. “Nós tínhamos plena consciência que aquilo era um trabalho pioneiro inédito, que nenhum profissional, pelo menos no Brasil, tinha tido oportunidade de experimentar”. (ROCHA LIMA, 2021).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BOM DIA Tocantins: a história contada por quem fez. Youtube, março de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCRZdWerbOPwbYkcJJtKClg/about?>>

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

COELHO, Bernadete de Sousa. **A Notícia como forma de conhecimento: Zé, o bairro e as distorções no telejornalismo local**. Panorama, v. 10, p. 20-25-25, 2020.

FONSECA, Adriano Nogueira da. **O Telejornalismo no Tocantins em três momentos: linguagem, história e técnica**. In: IV Jornada Interdisciplinar do PPGCom/UFT – Tendências em Comunicação: a construção social nas narrativas contemporâneas. Universidade Federal do Tocantins (UFT). Palmas: 2019.

GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KNEIPP, Valquíria Passos. **Trajétória de formação do telejornalista brasileiro**. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade de São Paulo, USP, Escola de Comunicações e Artes – ECA, São Paulo, 2008.

LEAL, P. M. V.. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. In: VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009, Fortaleza/CE. 7 Encontro Nacional de História da Mídia -, 2009.

MAIA, Aline Silva Corrêa. **O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador**. São Paulo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Intercom, XVI, 2011.

MARIANO, A. F. de C. " **A memória é a matéria essencial das entrevistas**: Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. Lumina, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 213–226, 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **Vera Íris Pasternostro**. <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/vera-iris-paternostro-2/>> Acesso em: 20 Jan 2021.

MELLO, Edna. Telejornalismo e história: permanências e rupturas no fazer jornalístico. In: VIZEU, Alfredo et tal. (Org.) **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014. P. 309-328

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. (1988) - **Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível**. In: von Simon, O.M. (org.) - Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice.

SANTOS, Jocyleia Santana dos. **A Sedução da Imagem: a televisão no limiar do Tocantins**. Palmas: EDUFT, 2015.

SILVA, Edna de Mello. **Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica**. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. Coleção Jornalismo Audiovisual.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

SLAVIERO, Daniel Pimentel. **Regionalização da mídia**. Observatório de Imprensa, 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/regionalizacao-da-midia>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultura**. / Raymond Williams; tradução: Marcio Sarelle; Mario F. I. Virgílio. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo: Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2016.